NINHO JÁ HABITADO: BERÇO OFERECIDO PELA M. P. F. A UMA MÃE DE ONZE FILHOS

Foto San-Payo

A TORRE, ponto mais alto da Serra da Estrela, coberta de neve

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

Boletim mensal / Assinatura ao ano, 12$00 / Preço avulso 1$00

PROGRAMA

Rôdant triste et solitaire,
Dans la forêt du mystère,
J'ai crié, le coeur très las :
— «La vie est triste ici-bas !»
L'echo m'a répondu : Bah !

. . . .

Comme l'Echo des grands bois
M'a conseillé de le faire,
J'aime, je chante et je crois.
... Et je suis heureux sur la terre !

. . . .

. . . .
— «Echo! la vie est méchante!»
L'écho m'a répondu: *Chante!*

. . . .
«Lourde, trop lourde est ma croix!»
L'echo m'a répondu: *Crois!*

— La haine en moi va germer:
Dois-je rire ou blasphémer?»
Et l'Echo m'a dit: *Aimer!*

G. A.

Quem de nós não leu alguma vez versos de Botrel, o poeta bretão, que tôda a gente em França sabe de cór?

Aqui ficam, para começo de ano novo, êstes que retiro da sua «Chanson de l'Echo».

* * *

1942... Ano novo...

E anda cá dentro, a olharmos o mundo em dôr e em sangue e em ódio, como que uma tristeza: «la vie est triste ici-bas!...

Sabemos lá bem o que virá?!

Mas acodem logo tôdas as vozes a gritar em nome do optimismo e da Fé: «Bah!» — que é como quem diz: deixemo-nos de choradeiras.

É melhor amar, cantar e crêr.

* * *

Conselho do Eco... Canção do Eco...

Amar!... Cantar!... Crêr!...

Que magnífico programa para um ano novo — para 1942!

Amar: *tudo quanto é bom e digno de ser amado.*

Amar a Deus, a nossa Terra, a nossa Família.

Amar a todos os homens num grande e universal amor.

Cantar *a vida e as coisas que o Senhor fez.*

Cantar na alegria, magnificamente, o sol e a chuva, o dia e a noite, o pão nosso de cada dia... e tudo quanto Deus quizer e mandar: «seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu...»

Crer *— crer com a alma tôda. Encher o peito de convicções fortes e sàdias.*

Crer com os olhos fechados e com os olhos abertos: crêr com o coração.

Rapariga portuguesa: crêr então em Portugal: no Portugal de ontem, e de hoje e de amanhã.

Rapariga católica: crer então em Deus Senhor, em Cristo-Jesus, e na Sua Igreja eterna...

Crer na Cruz e no Evangelho... Crer até à morte em tudo quanto é grande e eterno e bom e divino...

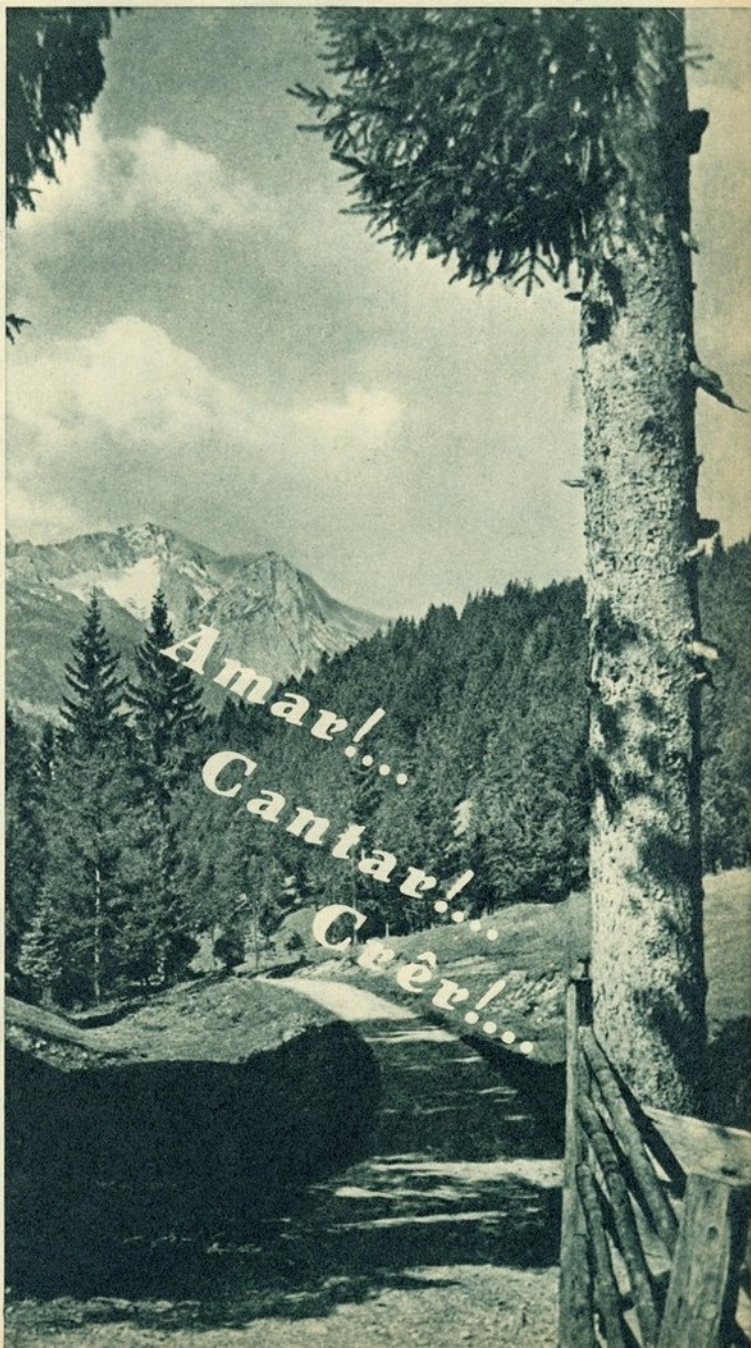
Amar... Cantar... Crêr...

* * *

Tem de ser forçosamente bom 1942 se o vivermos assim, neste clima heròico de Fé, Amor e Alegria.

Somos nós, afinal, quem fazemos bons ou maus os dias e os anos. Somos nós...

Vamos lá experimentar: apesar de tudo — apesar de tudo! — vamos fazer êste ano que mal vai começado.

Não falta o programa.

EXPOSIÇÃO DOS BERÇOS DA M. P. F.

I — A espôsa do senhor Presidente da Rèpública, a Presidente da «Obra das Mães» e a Comissária Nacional da M. P. F. na inauguração da exposição dos berços. II, III e IV — Aspectos da Exposição

HORA de enternecer esta em que as raparigas da M. P. F., conscientes dos seus deveres de filhas amoráveis, veem, durante a «Semana da Mãi», depôr aos pés das mãis dos pobrezinhos as mil e uma artes dum carinho sem tréguas para agasalhar os seus irmãos mais novos...

A IV «Exposição de Berços e Enxovais» foi, pois, mais um penhor de gratidão filial. Realizada pelo Comissariado da M. P. F., nos salões da Sociedade Nacional das Belas Artes, não desmereceu das que se têem efectuado anteriormente, fiel aos seus objectivos e à graça com que se lhe impôs traduzi-los: grata repetição duma ideia feliz, nascida, sem dúvida nenhuma, da contemplação dum lindo sorriso de bébé. De-certo, ninguém há que tenha olhado todos aqueles ninhos macios surtos das mãos delicadas das nossas raparigas que não veja transparecer no pensamento que ali os pôs a candura irresistivel e tentadora duma boquita a sorrir...

Pois quem há que não sentisse fácil, expontânea até, a imagem dumas pernitas buliçosas e rechonchudas sacudindo, impacientes, tôdas aquelas lindas colchas de riscado, de chita, de flanela, de tricot, de retalhos, umas lisas, outras listradas, outras floridas, que decoravam, com o aprumo das coisas simples e o garbo das coisas ricas, as caminhas fôfinhas, onde iriam fazer ó-ó os senhores donos das tais pernitas?

Espectáculo enternecedor o dessas camitas em série orlando a tôda a volta as paredes de duas grandes salas, com os seus mosquiteiros, com os seus laçarotes, com os seus enxovais, tôdas pobres — a economia, de mãos dadas com a singeleza, era um princípio a impôr reservas... — mas cada uma ostentado, pelas mãos de quem as criara, o seu carácter e a sua distinção, num despique harmónico e inocente de bom gosto e simplicidade!...

A grande maioria destas caminhas obedecia a um modêlo único. Eram os berços da Delegacia da Estremadura: camas grandes que hão-de vêr os pequeninos crescerem, que hão-de servir até muito tarde, de grades e com arco para o mosquiteiro. Tôdas de madeira, eram de côres várias, mas prevaleciam o rosa, o azul, o amarelinho e o branco. Uma até havia que, para ficar mais baratinha, era encerada, simplesmente encerada, e ficou tão *feia* com a sua colchazinha de quadradinhos vermelhos e brancos enfeitada a fita grega branca, e o seu mosquiteiro de cassa branca com um folho do mesmo riscado que... obteve o primeiro prémio do Comissariado.

Dava, de facto, vontade de ser pequenino e pobre, para ser dono duma riqueza assim!... Os mosquiteiros eram, quási sempre, de cassa branca, mas havia-os também em riscado e em chita, do mesmo em que era a respectiva colcha e até de tarlatana por lá se viam muitos sem, no entanto, perderem a graça os berços sujeitos à economia de tal recurso.

Olhando à volta para escolher, para premiar com um interêsse mais demorado êste ou aquele, não há possibilidade de o conseguir. Êste é muito lindo, mas aquele é um apetite, estoutro é um amor, mas aqueloutro é um mimito e... — não há remédio — adoptam-se todos.

Da provincia também vieram alguns berços: camitas de

II

Fotos: GONÇALVES TORRES

verga, em regra, e de madeira alguns — modelos diversos, de embalar quási todos. Neles se revela, como nos outros, a preocupação de alindar e fazer vista com pouco, mas são, sobretudo os regionais, os que chamam a atenção e prendem o nosso interêsse. Pois não era tão engraçada aquela canastrinha da Póvoa de Varzim, o berço pòveiro dos filhitos dos pescadores? E aquele outro lá da região de Trás-os-Montes, de Barqueiros, pequeno, rentinho ao chão — não se magoará o menino que dêle tombar! — com um arquinho para suspender o mosquiteiro e as roupinhas enfeitadas a crochet? Não era tão gracioso na sua pobreza e comovente na humilde oferta das suas tradições?

Todos, eram todos encantadores, os da Sub-Delegacia de Lisboa, que eram ao todo 51, e os de fóra apenas em número de 12, visto, infelizmente, não estarem representadas tôdas as Sub-Delegacias do País.

A-pesar-de ser difícil a escolha, alguns, no entanto, se distinguiram e foram premiados. Tal foi a decisão do júri constituído pelas Ex.mas Senhoras D. Maria Luísa van-Zeller, D. Maria Emília de Sousa e Castro e D. Margarida Sarzedas Mendes Leal.

IV

Prémios do Comissariado Nacional.

1.° — Ao Centro N.° 24 da Sub-Delegacia de Lisboa (Escola Industrial Machado de Castro).

2.° — Ao Centro N.° 4 da Sub-Delegacia de Vila Real (Barqueiros).

3.° — Ao Centro N.° 8 da Sub-Delegacia de Sintra (Escola Morais).

Prémios da Delegacia da Estremadura

1.° — Ao Centro N.° 27 da Sub-Delegacia de Lisboa (Escola Lusitânia).

2.° — Ao Centro N.° 17 da Sub-Delegacia de Lisboa (Escola dos Filhos dos Operários da C. do Gás).

3.° — Ao Centro N.° 1 da Sub-Delegacia de Lisboa (Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho — *7.° Ano*).

Prémios da Sub-Delegacia de Lisboa

1.° — Ao Centro N.° 28 — Escola Primária N.° 28.

2.° — Ao Centro N.° 7 — Colégio de Santa Dorotêa.

3.° — Ao Centro N.° 2 — Liceu D. Filipa de Lencastre — *Infantas*.

A. D.

Foto DR. MARTINS BARATA

Já viram talvez uma representação de fantoches. Pelas aldeias êles passam fazendo a admiração e o encanto do povo, e até nas cidades se encontram agrupamentos assistindo à exibição dêsses bonecos que se animam nas mãos ágeis dos seus criadores.

As crianças adoram os fantoches e seguem entusiasmadas e alegres os seus movimentos.

Os fantoches são pequenas figuras que representam comédias e tragédias, em cenas criadas pela fantasia daqueles que as movem, bonecos que falam com uma voz emprestada e se mechem pela mão doutrem, figuras vazias que, imobilizadas, perdem tôda a expressão, mas que no seu pequenino palco teem movimento e graça.

Fantoches... São divertidos, mas não devemos querer imitá-los nem ser como êles!

Há pessoas sem personalidade que se assemelham aos fantoches.

Movem-se pela influência doutrem e não pela sua própria vontade. E assim, no palco da vida, representam por vezes cenas cómicas ou tristes, que poderão ser engraçadas ou comoventes em fantoches, mas que não são próprias de criaturas a quem a razão e a fé devem marcar tôdas as atitudes.

Fantoches *são as raparigas que se deixam embonecar pelas modistas, sem consciência da figura que fazem com o seu vestuário extravagante ou imoral.*

Quem as vê, ri-se... E as pobrezinhas, como os fantoches, dão-se em espectáculo!

Fantoches *são as raparigas que se apresentam na rua ou em sociedade com modos artificiais e fazendo parada de costumes censuráveis, e que, julgando-se admiráveis, não passam afinal de fantoches movidos por preconceitos mundanos, sem alma nem dignidade.*

Quem as vê, diverte-se... E as tolinhas não compreendem que se divertem à sua custa!

Fantoches *são as raparigas de cabeça ôca e coração vazio, que passam pela vida sem ideal nem verdadeiras afeições, deixando-se mover ao sabor do capricho dos outros.*

Não sabem querer. Riem e choram, dançam ou trabalham, segundo o impulso que lhes é dado.

Quem as vê, lamenta-as... E as pobres cegas não reconhecem que são fantoches sem vida própria, e sentem-se satisfeitas na sua nulidade.

Fantoches *são as raparigas que julgam que a vida é um palco de divertimentos e não um campo de trabalho, e como bonecas vivem em caixas, a dormir, até à hora em que delas saiem para entrar em cena nas salas onde se expõem.*

Não semeiam nem colhem... Não amassam o pão nem o cosem... Não conhecem da vida nem os deveres nem as alegrias.

Quem as vê, despreza-as... E elas vivem enganadas, julgando-se rainhas do mundo!

Queridas raparigas: lembrai-vos da vossa dignidade de cristãs!

Não queirais, como os fantoches, dar-vos em desfruto ao mundo!

Deus e os Anjos contemplam-vos: sêde dignas do seu olhar na sinceridade das vossas atitudes e na beleza da vossa vida útil e boa!

COCCINELLE

PRODUZIR E POUPAR

O senhor Ministro da Economia lançou um apêlo à Nação para que todos os portugueses e especialmente todos os agricultores se compenetrassem bem da verdade da guerra e fizessem o sacrifício do esfôrço e despêsa de produzir mais e poupar muito para que na nossa terra não venham a faltar os géneros de 1.ª necessidade, como infelizmente acontece em tantas outras nações da Europa. Não podia a M. P. F. ficar indiferente a êste apêlo do Govêrno e quiz vir já hoje iniciar no seu Boletim uma «secção agrícola» ou seja uma secção onde se trate familiarmente dos problemas que interessam à mulher no campo, ou àquela que, embora na cidade, se interesse por êsses assuntos. Não trataremos do amanho das terras, nem dos altos problemas da Economia Agrária. Deixamos isso aos homens, embora algumas raparigas tenham, às vezes, de cuidar de grandes herdades.

Mas na hora presente pesam sôbre tôdas as mulheres graves responsabilidades. Da sua acção no lar ou na granja agrícola depende em grande parte o êxito do movimento que se inicia e que representa uma necessidade imperiosa, um dever para todos nós. Com orientação inteligente e sabendo aproveitar ao máximo tudo quanto se desperdiça em época de abundância, pode a rapariga da cidade auxiliar a sua família a atravessar êstes períodos tormentosos. Com método e disciplina pode a rapariga da Província transformar autênticamente a vida da casa agrícola, sustento e amparo de tôda a nação. É bem pouco aquilo que se pede quando em quási todo o mundo imperam as restrições, e quando se pesa aos gramas os alimentos mais necessários à vida. É bem pequeno o esfôrço exigido quando milhares de crianças e adultos, pela Europa e pelo mundo sofrem os horrores da fome.

Quiz Deus na Sua Bondade afastar de nós, por enquanto, essas duras provações, mas seria atentar contra a Sua Misericórdia, se a mulher portuguesa não souber no seu lar poupar aquilo que falta a tantos e por carência da iniciativa ou por tíbia fraquesa não quiser auxiliar a obra da Produção Nacional, na qual cada um de nós tem uma parcela de responsabilidade.

A M. P. F. apela para as suas filiadas para que meditem nas palavras singelas: «Produzir e Poupar».

Produzir: *nas cidades* (onde houver uma nesga de terra, um quintal, um jardim) aquilo que fôr viável. Ficareis admiradas com a infinidade de coisas que podem nascer e criar-se num espaço acanhado e até agora inútil. Será isso, por agora, um passatempo e não dura necessidade, como em tantas outras terras.

No campo: naqueles domínios que estão normalmente na esfera da responsabilidade da mulher, como a horta, o pomar, a queijeira, a capoeira, a coelheira e as colmeias.

Poupar na cidade e no campo evitando qualquer desperdício.

Uma vez iniciadas nestas tarefas, estou convencida que o vosso engenho há-de suprir muitas dificiências e que sabereis dizer às outras raparigas aquilo que soubestes inventar e fazer.

Os tempos de uma vida fácil e despreocupada passaram; cada uma de nós terá de cumprir o seu dever para que, do exemplo e dos pequenos sacrifícios de todos nós, resulte a continuação dum bem-estar que exige a colaboração de todos.

FRANCISCA DE ASSIS

Fotos · CASIMIRO VINAGRE

O BATISTERIO·DA·IGREJA·DE Nª SENHORA·DE·FATIMA

S. João Baptista, estátua da pia baptismal

Igreja de Nossa Senhora de Fátima. A' direita, o baptistério

A igreja de Nossa Senhora de Fátima, de Lisboa, tem sido muito discutida e criticada, principalmente por aqueles que desconhecem a beleza do seu simbolismo religioso e se escandalizam... por ignorância!

Para que as filiadas da M. P. F. não caiam também no êrro de criticarem o que não compreendem e possam admirar conscientemente o que para elas tem sido talvez, até agora, sem sentido, lembrei-me de vos dar a explicação dalgumas das pinturas dessa igreja, que não são apenas um belo ornamento artístico, mas conteem uma profunda lição religiosa.

Tôdas as religiões teem o seu simbolismo, isto é, o seu modo de tornar sensíveis as realidades espirituais por meio de sinais ou figuras.

A ideia pura e abstracta não é fàcilmente apreendida por tôdas as inteligências. Uma imagem impressiona mais, e a ideia que ela representa torna-se mais acessível aos simples e até às crianças.

As grandes verdades religiosas ganham em ser aplicadas a cênas copiadas da natureza ou da vida, pois são essas que mais profundamente impressionam a nossa imaginação e se gravam melhor na nossa memória, e a beleza dos actos litúrgicos torna-se mais expressiva realçada por um simbolismo sugestivo.

Mas a Igreja Católica, a-pesar-de não desprezar o valor aplogético do simbolismo, ainda é de tôdas as religiões a mais sóbria no seu emprêgo. Ficou-lhe do «génio romano — como escreveu alguém — um carácter de simplicidade, de sobriedade, de dignidade, de fôrça e de tendências realistas e práticas», ao contrário das igrejas orientais de que a liturgia riquíssima se sobrecarrega de simbolismos exagerados.

A Igreja Católica conserva apenas aqueles simbolismos que tornam mais fácil a inteligência da fé e que na sua simplicidade são eloqüentes sem serem extravagantes.

Vejamos, por exemplo, a *Capela do Baptistério* da igreja de N.ª Senhora de Fátima, projecto do arquitecto professor Pardal Monteiro.

Tudo nela é simbólico e nos dá a inteligência do sacramento do baptismo que ali se vai receber.

A própria *situação do baptistério* é simbólica: está fóra do templo para significar que só depois de recebermos a graça do baptismo temos entrada na igreja material, símbolo da Igreja espiritual que é a sociedade dos fiéis, que tem por Chefe a Cristo no céu, e na terra o Papa.

A *porta*, em ferro forjado, representa o pecado original que nos fecha a entrada no céu; e os *peixes* que a ornamentam significam que é naquele lugar que as almas se tornam cristãs.

O *peixe* é um dos símbolos mais característicos do baptismo.

Donde veiu esta ideia do peixe? Do ensinamento de Cristo que comparou o reino dos céus a uma rêde que foi lançada ao mar e apanhou peixes de muitas qualidades que os pescadores escolheram, aproveitando os bons e deitando fóra os maus.

N. Senhor prometeu aos Apóstolos que os faria pescadores de homens. Quando um sacerdote baptisa, é o pescador que tira o peixe da água, onde o cristão nasceu à vida da graça.

O simbolismo do peixe, como sinal dos cristãos, vem ainda do *Icthus* grego, que são as letras do nome de Jesus Cristo.

Entrando no baptistério, vemos, ao centro, sôbre a pia baptismal, uma linda estátua de S. João Batista, do escultor Leopoldo de Almeida.

Como foi S. João Baptista quem baptisou a Cristo, a sua imagem tem o seu lugar em todos os baptistérios.

Nas paredes, em mosaico, vêem-se *veados* a beber e lêem-se estas palavras em latim: *Omnes sitientes venite ad aguas* (vós todos que tendes sêde vinde às águas)

O *veado* é, por excelência, o símbolo do baptismo. «Como o veado suspira pelas fontes de água viva, assim a minha alma suspira por Vós, ó meu Deus!» Estes versículos do salmo 42 traduzem o desejo das almas em receber as águas do baptismo, sacramento que nos torna filhos de Deus e, por conseguinte, nos faz encontrar e possuir o Senhor.

No teto da capela vêem-se *ovelhas* e *cordeiros* que significam o rebanho de Cristo, ao qual as almas ficam pertencendo pelo baptismo. *«In altis montibus ervunt pascua ovium»* (nos altos montes de erva fresca pastam as ovelhas) lemos escrito nesse friso.

Vêem-se também *pombas* esvoaçando entre ramos de oliveira.

A pomba simbolisa habitualmente o Espírito Santo, e como no sacramento do baptismo nós recebemos o Espírito Santo com os seus dons, de tal modo que a nossa alma se torna verdadeiramente «o Templo do Espírito Santo», essas pombas de asas abertas são o símbolo da presença do Espírito Santo na nossa alma. Na verdade, a vocação a que Deus nos chamou é admirável: *Nos vocavit Deus in lumi nen mirabilis*, como se lê na cúpula que está pintada de azul para simbolisar o céu.

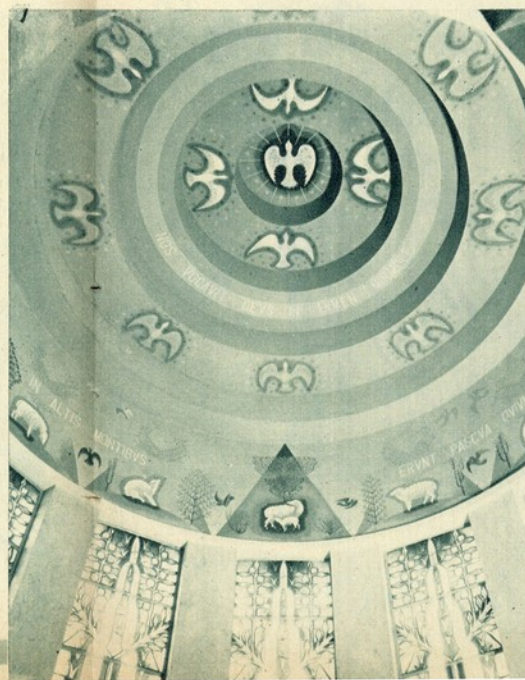
Os *ramos de oliveira* simbolisam a paz da nossa reconciliação com Deus, pois, privados da graça pelo pecado original, nascemos seus inimigos; e recordam ainda os Santos Oleos das unções baptismais, compostos de azeite e balsamo. O azeite entra na sua composição como símbolo da vida: a oliveira carrega-se de frutos; como símbolo da luz: o azeite alumia; como símbolo da fôrça: o azeite alimenta, cura e fortalece; como símbolo da dignidade: os sacerdotes eram consagrados com azeite; e como símbolo de alegria: a alegria é um dos dons do Espírito Santo.

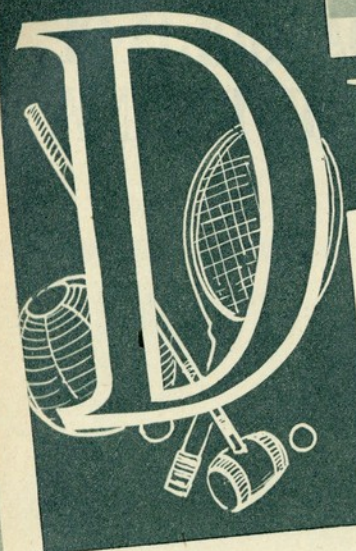
Os *vitrais* da capela, (de Almada Negreiros como as outras ornamentações) são verdes como a nossa esperança e jorram neles fontes de água viva: a água do baptismo que nos lava, purifica e nos confere, pela sua graça santificante, participação na própria vida divina.

Os *frutos* dêsses vitrais simbolisam os frutos da vida eterna que a nossa alma em graça deve dar.

Não é verdade que o baptistério da igreja de N.ª Senhora da Fátima, visto e compreendido assim, tem uma beleza espiritual que não lhe descobriríamos se não conhecessemos o significado das suas figuras simbólicas?

Maria Joana Mendes Leal

Vitrais e tecto do baptistério

Baptistério. A pia baptismal

Fotografias: MÁRIO NOVAIS

DESPORTOS ANTIGOS E MODERNOS

As gerações modernas têm a concepção de que só elas vivem e que as gerações passadas, múmias sem vida, estiveram inertes, enfaixadas em preconceitos e perfumadas com os óleos mortuários com que os egípcios embalsamavam os seus mortos.

E' um êrro; as gerações que nos precederam tiveram a sua vida, a sua mocidade, a sua alegria, como nós as tivemos, como as têm as raparigas de hoje e como as terão as de àmanhã.

A única diferença é não serem os mesmos divertimentos, os mesmos jogos, os mesmos desportos, digamos a palavra, que parecerá fantasia à mocidade de hoje, tratando-se da de hontem e mesmo daquela de há séculos.

Mas como poderemos chamar à patinagem, que nos tempos maravilhosos de Versailles se fazia no grande lago em que a côrte tôda se dedicava a êsse desporto fazendo piruetas sôbre o gêlo como os melhores patinadores de hoje? E em que podemos evocar a figura esbelta de Maria Antonieta com o seu traje de patinagem em veludo e peles, entregando-se ao prazer do exercício, com êsse ardor que a caracterisava e que tão mal a fez julgar pelos seus contemporâneos.

E isto é lembrar tempos relativamente modernos, porque se nos reportarmos à antiga Grécia, vemos a mocidade de então, instruida em todos os desportos do tempo. A flecha e o arco, o disco e todos os outros jogos que eram o orgulho das jóvens gregas daquela época.

Mas nos tempos mais próximos, também a juventude tinha os seus jogos; na época do *«tournure»* as jóvens romanticas jogavam o *«croquet»*, êsse jôgo que se presta tanto às atitudes graciosas, que eram o ornamento da mulher daquele tempo, que, se não tinha o desembaraço da mulher de hoje, tinha a graça feminil, que inspirava aos poetas versos encantadores, e fazia com que o homem a tratasse, não como camarada, mas com êsse respeito impregnado de cortezia e proteção que a colocavam num trono.

Mas mais perto, nos nossos dias quási, há uns trinta anos, a mulher ainda feminina, mas já desportiva, tinha os seus jogos e os seus desportos favoritos, sendo um dêles a equitação. O que era a elegância duma amazona dêsses tempos, só quem as viu o poderá descrever, porque então a mulher, para montar a cavalo, não se vestia de homem nem tomava ares masculinos, era a graça unida ao desembaraço e à arte de cavalgar.

Outros jogos apareceram e houve um que entusiasmou as raparigas de então. *«O diabolo»*, em que gentilmente manobravam as duas varinhas esticando o cordão onde voltava a cair o *«diabolo»* essas raparigas de saias tocando no chão, e grandes poupas onduladas, sob as floridas *«capellines»*.

Mas já então se jogava o *«tennis»*, um tennis elegante, em que a graça não excluia a agilidade, mas uma agilidade que não apagava o sorriso nos lábios e que permitia as saias de *«piquet»* branco, até ao tornoselo.

Não era necessário o *«short»* deixando as pernas núas, num impudor pouco recomendável, nem o *«rictus»* da face do excesso dos movimentos, que fazem perder a êsse jôgo o seu aspecto desportivo, para tomar o dum esfôrço brutal. E esfôrço é quando faz com que uma campeã, como era Suzanne Leuglen, morra em plena juventude dos excessos a que o *«tennis»* a obrigou.

Foi-me dado, há uns 8 anos, numa das minhas viagens, assistir a um torneio de *«tennis»* num elegante club, em *Rochampton*, em Londres; e vi, nêsse dia, que os ingleses são desportivos com elegância. O que eram êsses quarenta *«courts»* de *«tennis»* cobertos de senhoras, meninas, rapazes e homens, algumas senhoras e alguns homens de cabelos brancos, não é fácil de descrever, tal o encanto de graça e de fôrça que dessas figuras, tôdas vestidas de branco, emanava e as tornava irriais nêsse cenário de relva verde e flôres. Assisti também ali a um *«match»* de *«polo»*, o desporto de milionários, que requere *«poneys»* ensinados que atingem um preço tal que faz com que só homens ricos o possam jogar, porque não há *«poney»* que agüente mais dum quarto de hora montado.

E nêsse deslumbrante campo de *polo* como se moviam os jogadores e como era gracioso ver os *«poneys»* ajudar os seus cavaleiros, dando com as patinhas coices na bola e sempre na direção que ao dono interessava.

Hoje, os rapazes têm a tendência para a violência nos jogos, o *foot-ball*, os jogos de luta entusiasmam-nos e o nosso temperamento apaixonado e violento faz-nos sentir a tendência para o que é ardente e forte.

Mas o que é para recomendar às raparigas de hoje é que no seu amor ao desporto não vão esquecendo a graça feminina e que não sorriam desdenhosamente à graciosidade com que empunhavam o taco do *«croquet»* ou a *«raquette»* do *«tennis»* as suas mãis e as suas avós.

Antes procurem imitar um pouco essa graça e creiam que tão bem se joga o *«tennis»*, com uma saia de pregas, como com êsses horríveis *«shorts»* que são a peça de vestuário mais antiestética e mais feia que modernamente se inventou, para fazer perder à rapariga o encanto feminino.

Que nos jogos de hoje, que fortificam a mocidade, se ponha um pouco da graça das de hontem e assim chegaremos a um termo médio que será o ideal: à rapariga forte, desembaraçada, desportiva, mas feminina e gentil, graciosa no gesto e sem a face vincada pelo *«rictus»* da violência.

MARIA D'EÇA

I — Elegantes patinadoras... do século passado

IV — Hoje...

II — O *diabolo*, jôgo de há 20 anos, que já nos parece... antiquíssimo!

III — Uma amazona magestosa: Isabel de Bourbon, rainha de Espanha: século XVI

PÁGINA DAS LUSITAS por MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ...

VIOLANTE A IGNORANTE

NUMA daquelas alegres quintas feiras em que a boa tia Patrocínio* reünia um grande rancho de pequenos e pequenas estava o grupo instalado no jardim, à sombra das velhas pimenteiras. Uma nova convidada, filha dum engenheiro ainda parente da dona da casa, viera também naquela tarde; e era uma pequena linda, graciosa, alegre, chamada Violante, com quem todos simpatizavam o mais possível.

Descançando dum animadíssimo jôgo da bola, sentaram-se na relva a conversar.

— As lições são uma massada — disse José Maria, que era muito mandrião.

— Não acho! — gritou Gabriela — é porventura massador conhecer a história de Portugal? E para a saber tem de se estudar.

— E a física, com as experiências tôdas que se fazem? — exclamou Pedro — No liceu temos um professor que é um az!

— A minha mademoiselle dá-me umas composições a fazer sôbre História de França: já fiz três, imaginem! — disse Maria Angélica.

— Eu o que prefiro ainda é a aritmética — declarou João.

— Que horror! — exclamaram vários. João indignou-se:

— Horror porquê? Eu quero vir a ser engenheiro e matemático, fiquem sabendo!

— Há-de estudar álgebra! — disse Gabriela com respeito.

— E tu, Violante, que lições tens? — preguntou Maria Angélica, virando-se para a linda pequena que não entrara na conversa.

— Eu?? Já falo um bocadinho de francês, e estou a aprender a bordar com a minha tia.

— Só isso?! — exclamou Pedro.

Violante, risonha, tornou:

— Eu pedi ao pai que me não massasse com lições; é tão aborrecido estudar!

— Quem me dera que o meu fôsse como o teu — suspirou José Maria — mas êle não vai com pedidos — acrescentou, cismático. — E talvez tenha razão.

— Deus me livre ficar sem instrução — disse Gabriela — e tu queres ser ignorante, Violante?!

— Até faz verso! — gritou João.

Voltaram para o jôgo alegre da bola de mão, sem mais pensarem naquela conversa.

. . . .

— Tinham passado cinco anos: e a boa tia Patrocínio tornou a reünir o mesmo rancho, preparando-lhes uma dança no salão do palácio.

Pedro, João, José Maria, já quási homens, lá estavam também, rindo com as companheiras de infância, em despreocupada alegria.

— Com quem vais dançar agora? — preguntou João a José Maria que acabara um animado fox-trot com Maria Angélica.

— Nem sei... Gosto de dançar com a Violante mas nunca vi maior patetinha do que ela! Aquela linda cabeça não tem nada lá dentro! — disse Pedro, batendo na testa.

— Lembram-se do que ela dizia há cinco anos? Não quis estudar, não se instruiu, nem há conversa possível com ela! — concluiu João. — Assim nunca vi!

— De que serve ter uma cara bonita, vestidos elegantes, o cabelo ondeado, se não sabe falar senão do sol e da chuva?

— Há-de ficar-lhe para sempre a alcunha que a Gabriela lhe pôs sem querer, lembram-se?

— E se nós por amizade lhe fôssemos meter em cabeça que se instruísse! Ela tem só quinze anos! — lembrou José Maria. Mas nada conseguiram os três simpáticos rapazes!

Violante não quis nunca estudar; e tão pouca era a sua instrução que lhe ficou para sempre a triste alcunha: Violante a Ignorante!

— Ver n.º de Março de 1940 «*As quintas feiras da tia Patrocínio*».

MARIA DA GRAÇA NO CAMPO

(Continuação do número anterior)

D. FRANCISCA *(levantando-se)* — Olha, Graça, vamos indo para casa, tanto mais que eu vinha dizer-te que o Pai tem várias notícias a dar-te dos Sarmentos. Sabes que o Manuel lá está na Alemanha e fez operação aos dois olhos? Correu tudo lindamente, graças a Deus.

MARIA DA GRAÇA *(receosa)* — E ficará a vêr, Mãe?

D. FRANCISCA *(abanando a cabeça)* — O médico disse que nada garantia e nem tinha grande desejo de o operar. Mas, contra a vontade do próprio pai Sarmento, o Manuel teimou de tal maneira que o médico decidiu-se a isso.

MARIA DA GRAÇA *(pensativa)* — E quando voltam?

D. FRANCISCA — Isso é que ainda não sabem.

XII

Dali a dias, porém, vieram novas e tristes notícias dos Sarmentos: o pobre Manuel, depois duma curta estada em França, vinha já a caminho de Portugal com o pai, voltando cego como antes!

Essa notícia, dada de chofre a Maria da Graça, que se convencera da cura possível do pobre rapaz, impressionou-a tão profundamente que o seu génio alegre ficou alterado de todo.

CUCA *(entrando de rompante na sala de Freixeda)* — Graça, sabes que o João José chega hoje?

MARIA DA GRAÇA *(calma)* — Ah sim? Ainda bem!

CUCA *(indignada)* — É só o que achas para dizer? *(imitando-a)* Ah sim? Ainda bem! Vale a pena êle ter uma paixão por ti...

MARIA DA GRAÇA *(indiferente)* — Que queres que diga?

CUCA *(zangada)* — Então não recebeste a carta dêle? Não sentes como êle gosta de ti? Mal empregado amor...

(Maria da Graça não responde).

CUCA — Quando eu penso no que me tens feito sofrer, nos ciúmes teus que sempre tive por causa do João José...

MARIA DA GRAÇA — É bem màzinha eras para mim, Cuca.

CUCA *(com fôrça)* — É que eu adoro o meu irmão, sabes isso? É quero que êle seja feliz, ouviste? E então se não gostas dêle, escusas de o ralar e diz-lho francamente.

MARIA DA GRAÇA *(devagar)* — Não quero casar-me, Cuca.

(Cuca olhou-a, incrédula),

CUCA — Tu? Não acredito.

MARIA DA GRAÇA — É verdade. Não quero casar. Nem com o João José, nem com ninguém.

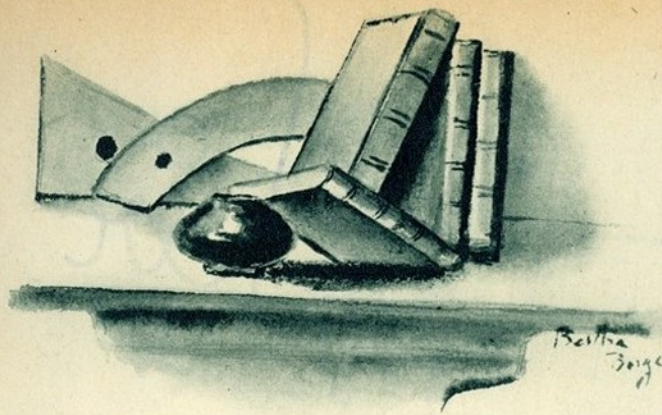
CUCA *(chegando-se a ela)* — Talvez quisesses casar com o Manuel Sarmento, não? Deixasse êle de ser cego, minha rica que tu não hesitavas um momento, disso, tenho a certeza. Nega lá, se és capaz!

MARIA DA GRAÇA *(com fôrça)* — Não nego que gosto dêle, Cuca. Mas no que tu te enganas é julgando que a cegueira do Manuel seria um obstáculo...

(Entra D. Francisca).

D. FRANCISCA *(admirada)* — Estão zangadas, filhas? De que falam?!

MARIA DA GRAÇA — Gosto bem que a Mãe viesse! chegou mesmo a propósito para me ouvir. Eu gosto do Manuel Sarmento, é verdade! Cego ou não, é dêle que eu gosto; e só com êle casaria...... se êle gostasse de mim. Infelizmente, Cuca, não se dá êsse caso; e por isso repito: não quero casar.

D. FRANCISCA — Mas, minha filha, que série de absurdos, e que excitação em que estão ambas...

(Entra o criado com um telegrama).

D. FRANCISCA *(lendo o telegrama de Lisboa)* — A tia pede para tu ires ao casamento da Ana Rita, Graça: o tio passa por aqui amanhã e leva-te no carro.

MARIA DA GRAÇA *(triste)* — Antes queria não ir, Mãe.

D. FRANCISCA *(a sério)* — Não é possível recusar, minha filha. Vai preparar a tua mala, anda.

E no dia seguinte lá foi Maria da Graça para Lisboa, quási empurrada pelos pais que, vendo-a nervosa e triste, aproveitavam esta ida a Lisboa como meio de a distrair. Encantados com a proposta de João José, não se conformavam com a recusa de Maria da Graça; e não se convenciam de que Manuel pudesse suplantar João José. A inesperada declaração de Maria da Graça enchia-os de espanto! Como podia ela preferir a João José, rapaz perfeito e encantador que sempre tivera por ela uma ternura profunda, fizera um curso brilhante e seria o genro desejado pelos pais mais exigentes, o pobre Manuel Sarmento? Inteligente, sim, cheio de boas qualidades, mas pela sua cegueira impossibilitado, quási, de trabalhar, e condenado a uma vida de inválido! Sòzinhos os dois, conversavam na saleta.

D. FRANCISCA — Estou deveras apoquentada com tudo isto, António. E sei o que é o feitio tenaz da Graça...

D. ANTÓNIO — Mas que sabes tu dos sentimentos do rapaz?

D. FRANCISCA — Diz ela que o Manuel nunca pensou nem pensa nela senão como irmã, aliás, muito querida.

D. ANTÓNIO — Então o caso não é para desesperar. É claro que nem lhe passa pela cabeça que a Graça pense em casar com êle. Que absurdo, realmente!

D. FRANCISCA *(preocupada)* — Os Sarmentos chegam hoje. Se fôssemos visitá-los?...

D. ANTÓNIO — Vamos, se queres.

E nessa mesma tarde fôram à vila visitar os Sarmentos pai e filho, agora sòzinhos na grande casa, por terem ido para o colégio os três mais pequenos. Quando Manuel se aproximou para beijar a mão de D. Francisca, admiraram-se ambos, embora nada dissessem, do brilho dos seus olhos azuis: pobres olhos tão límpidos que nada podiam ver!

D. FRANCISCA *(com meiguice)* — Oh Manuel, como pareces bem!

MANUEL *(calmo)* — Senhora D. Francisca, eu sinto-me bem...

O PAI *(grave)* — A operação foi demorada e dolorosa, apesar da anestesia. Mas o meu Manuel é duma coragem...

MANUEL *(còrando)* — Oh Pai, não diga isso.

D. ANTÓNIO *(abraçando-o)* — Tens uma alma que não é vulgar, Manuel.

MANUEL *(comovido)* — E como está a Graça? Não quis vir vêr-me...

D. FRANCISCA *(depressa)* — Está em Lisboa: foi ao casamento da prima. Ia muito tristonha; mas agora está muito melhor.

MANUEL *(com vivacidade)* — E quando volta? Preciso tanto de falar com ela...

D. ANTÓNIO *(admirado)* — Precisas de falar com ela?!

D. FRANCISCA — É provável que ela ainda se demore umas semanas em casa dos tios. Mas se queres que lhe diga alguma coisa?

MANUEL *(enigmático)* — Não! não, minha senhora: o que tenho de lhe dizer ninguém pode dizê-lo por mim...

Quando se acharam em casa, D. António e D. Francisca desabafaram a sua estranheza.

D. FRANCISCA — O que quererá isto dizer, António?

D. ANTÓNIO *(pensativo)* — Mal empregado rapaz: que bonito êle está e que forte! Mas da cegueira nada melhorou, ao que parece.

D. FRANCISCA — Disse-me a Mademoiselle que a Graça, sem nós sabermos, aprendeu com ela a ler e escrever pelo sistema Braille! E pediu-lhe segrêdo, imagina tu! Não me admirava que o Manuel resolvesse escrever-lhe para Lisboa.

D. ANTÓNIO *(decidido)* — Olha, filha, o João José que não desista dela se a paixão dêle é verdadeira, como diz a Cuca. Que vá a Lisboa. Que lhe fale, que se mexa, enfim.

Daí a três dias, porém, um telegrama de Maria da Graça anunciava a sua chegada à Freixeda. E quando o pai a foi buscar à estação de S. Torcato, viu com prazer a sua fisionomia alegre e prazenteira. Teria João José seguido a inspiração de lá ir? Depressa o saberiam.

D. ANTÓNIO *(beijando a filha)* — Como gosto da tua cara, filhinha! Foi o casamento da Ana Rita que te inspirou desejos de a imitar?

MARIA DA GRAÇA *(sorrindo)* — Talvez, Paisinho...

E nada mais disseram sôbre o assunto. Maria da Graça contou, então, do casamento da prima, que ia linda e elegantíssima ao lado do jovem conde, seu noivo; partindo depois no «yacht» dêle, a passar a lua de mel à Madeira. D. Francisca, um pouco inquieta, esperava-os ao portão; mas ao ver a boa disposição do pai e da filha, o seu coração sossegou e foi com verdadeiro alvorôço que ouviu a exclamação alegre de Maria da Graça, ao entrar em casa.

MARIA DA GRAÇA — Estou contente por chegar a casa, Mãe!

D. FRANCISCA — Oh minha filha, que alegria me dás!

D. ANTÓNIO — Diz-me, Graça, o João José decidiu-se a ir a Lisboa e convenceu-te??

D. FRANCISCA — Sinto-me felicíssima, Graça, com essa idéia!

MARIA DA GRAÇA *(gravemente)* — Estão enganados ambos, Paisinhos! Já o disse e repito-o: só caso com o Manuel Sarmento!

D. FRANCISCA *(deixando-se cair numa cadeira)* — E já pensaste, minha filha, no horror de seres a mulher dum cego? Na privação, para ti, de todos os divertimentos, dos cinemas, das festas... Não pensaste, com certeza.

MARIA DA GRAÇA *(enternecida)* — Tudo isso é pouco, Mãe...

D. ANTÓNIO *(grave)* — A nossa obrigação de pais é mostrar-te a vida como ela é, Graça: êsse casamento é uma loucura.

MARIA DA GRAÇA — Seremos loucos felizes, meu Pai! Pois o Manuel escreveu-me a pedir para ser sua mulher!

Foi um duro choque para os pais. E nessa mesma noite veiu Manuel à Freixeda com o pai, pedir a mão de Maria da Graça. Receberam-no com a amizade sincera que lhes inspirava sempre o rapaz; mas a idéia de dar a filha adorada a um cego, enchia-os duma profunda tristeza, que não conseguiram disfarçar...

(Conclue no próximo número)

Outra carta às Lusitas

Queridas Amiguinhas

Afinal só recebi 2 postais a pedirem as *«Tagarelices da Senhora Maria!»* Fiquei desapontada; pois julguei que as Lusitas fôssem mais patriotas e apreciassem a História de Portugal! Apesar disso, porém, resolvi aceitar as falas da boa velhota uma vez por outra: talvez mês sim, mês não.

Um dos bilhetes que recebi deu-me grande gôsto; lamento que o não leiam para verem os sentimentos duma simpática Lusita de Guimarãis. Bem se vê que é oriunda da terra de D. Afonso Henriques!

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Uma Lusita generosa

Como tem sucedido todos os anos, no Natal e na Páscoa, a encantadora *Vera Maria* mandou uma caixa cheia de lindos brinquedos para as criancinhas da Creche Pedro Folque.

Que *fornecimento de alegria* ela espalhou pela pequenada! As bonequinhas, vestidas pelas suas mãos generosas, despertaram logo nas pequenitas, entre 3 e 7 anos, sentimentos verdadeiramente maternais! e os múltiplos carrinhos, bichos, jogos, causaram o entusiasmo dos garotos. Não conhecem, porém, ainda a sua amiguinha Vera Maria: quando quererá ela decidir-se a ir a Belas visitar a Creche Pedro Folque e receber os agradecimentos das quarenta crianças que lá vivem? Os donos da Creche muito gostariam que as Lusitas em geral, e Vera Maria em especial, resolvessem uma tarde ir até Belas: o passeio é fácil e económico, em belas camionetas que param perto da Creche; e todos os dias são bons, menos domingos e dias santos.

CHARADA

Dá-me imediatamente (1 sílaba)
O alimento incomparável (1 sílaba)
Que n'um país do Oriente
Dizem ser admirável!

Ver a solução na última página

PAPÉIS PINTADOS

Sempre foi costume forrar as paredes da casa para a embelezar e lhe aumentar o confôrto. No interior dos palácios não era raro forrarem-se as paredes com damasco e sedas preciosas, que davam às salas ou aos quartos, além dum aspecto rico, um ambiente confortável.

Como nem todos podiam chegar ao preço dêsses tecidos, inventaram-se os papéis pintados, que têm atravessado diversas modas nos seus desenhos e coloridos. Umas vezes, procurou-se imitar os tecidos e apareceram os falsos damascos de papel e os desenhos das sedas com grinaldas e raminhos. Outras vezes, obedecendo a inspirações futuristas, pintaram-se os papéis com flores gigantescas e desenhos cubistas.

Cada época tem tido os seus papéis pintados; ora são os papéis claros e com desenhos que estão na moda, ora os papéis escuros com motivos estravagantes.

Durante alguns tempos os papéis pintados caíram bastante em desuso, porque tudo aborrece e cansa. Actualmente estão de novo na moda, embora talvez já menos que nos últimos anos. Mas, felizmente, passou a época dos papéis de espaventoso mau gôsto; usam-se principalmente as côres suaves e lisas, e se têm desenhos, na sua maioria são discretos.

Passaram de moda aqueles papéis de côres berrantes e desenhos exóticos que nos quartos de dormir, quando estávamos doentes, nos cansavam os olhos e às crianças davam maus sonhos!

Um papel liso e simples não aborrece, dá bem com tudo e os ornamentos da casa sobressaem sôbre êle.

Uma sala, com um papel que dê bem com o tom e o estilo da mobília, ganha imenso, toma um ar de confôrto que uma parêde de cal nua não possue. Mas devemos ter cuidado, ao escolher um papel para a nossa casa, em que êle não brigue com a mobília, ou com a pintura das portas, etc. E ainda que êle esteja a carácter com a divisão que se vai forrar. Um papel bonito para um escritório pode ficar mal num quarto. Devemos atender ao estilo da mobília e ao local e ainda à luz do aposento, etc.

Cada divisão da nossa casa deve ter, por assim dizer, a sua personalidade, que não é a mesma para o quarto duma criança ou duma pessoa crescida, para uma salinha de estar ou para um salão.

O papel pintado, agradável enquanto é novo, desde que começa a desbotar ou a despegar-se das paredes, deve ser renovado, porque um papel velho, manchado, sujo ou rôto, dá à casa um ar de miséria e desmazêlo. Mas não é difícil renová-lo, sobretudo se somos nós a fazê-lo. E porque não havemos nós de aprender a colar o papel nas paredes da nossa casa? Os empregados das lojas levam muito caro e com um bocadinho de trabalho e paciência sair-nos-emos muito bem. E o tempo está para economias!

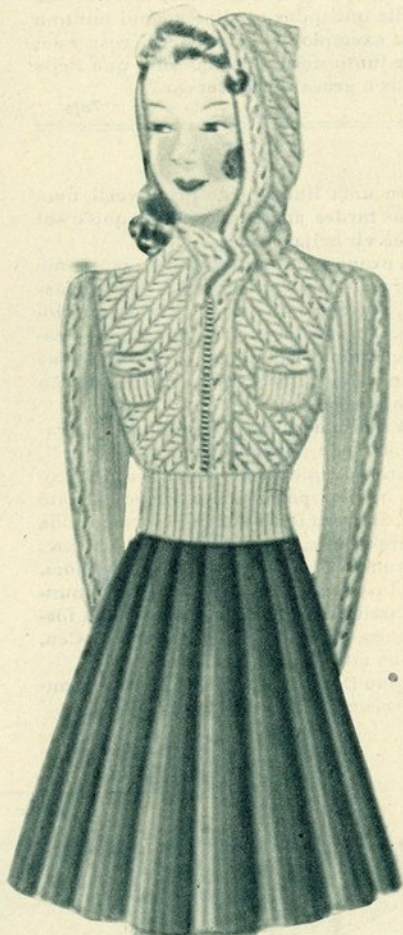
A's vezes basta renovar o papel duma casa para tôda ela parecer rejuvenescida. Talvez o papel do vosso quarto já esteja a precisar de ser mudado; é talvez já antigo e com o tempo foi perdendo a frescura, a côr e a beleza. Mãos à obra!

MODO DE COLAR O PAPEL NA PAREDE

A cola para colar o papel é muito simples: faz-se uma papa muito rara de farinha de trigo e água, bem fervida. Depois de tirada do lume junta-se-lhe um pouco de vinagre. Cola já nós temos! Vamos agora tratar do resto.

Se o papel tiver ourela, corta-se esta dum dos lados. Corta-se em seguida o papel em tiras da altura da parede que se pretende forrar. Estende-se uma tira, virada do avêsso, em cima duma mesa comprida e com um pincel unta-se o papel com a massa de farinha. Depois pega-se-lhe pela parte superior e coloca-se sôbre a parede, tendo cuidado em fazer cair o papel a direito. Com uma escova e um pano alisa-se bem, sempre de cima para baixo. Se não ficar bem desempenado, levanta-se pouco a pouco com jeito e torna-se a colar. Se o papel tiver desenhos, deve-se procurar acertá-los bem; e quando se corta o papel deve-se também já ter em conta a ligação dos desenhos. Se acontecer sujar-se com cola o papel pelo lado direito, molha-se um pano e com cuidado bate-se com êle ao de leve no sítio da mancha e deixa-se secar.

2

1

TRABALHOS DE MÃOS

1 *Camisola em lã branca, trabalhada em ponto de meia. Os embutidos da frente poderão ser em dois tons de azul.*

2 *Casaco em ponto liso, com cinto, gola, punhos e pala dos bolsos em revesilho.*

3 *Camisola com capuz para menina; aperta com um fecho éclair. A saia é em fazenda pregueada, numa côr mais escura do que a camisola.*

DONATIVOS

O Comissariado Nacional da M. P. F. recebeu da firma «*Pinheiro & Ribeiro*», de Lisboa, 30m de fazenda, que entregou na Delegacia Provincial do C. N. da M. P. F. da Extremadura para serem oferecidos às filiadas pobres que se tenham distinguido pelo seu comportamento exemplar e aplicação ao estudo.
O Centro n.º 8, Extremadura, enviou também uma farda completa, 2 blusões e 1 blusa para serem distribuidos com o mesmo fim.
Sensibilizadas com a lembrança destes generosos donativos, agradecemos sinceramente reconhecidas.

3

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

MÃE

É tão suave dizer. Mãe, mãezinha!

Mãe, nome que só por si é um poema, Mãe, maior tesouro humano que um coração pode possuir.

Ter uma mãezinha é tão bom!

Mãe, nome mais querido que lábios humanos têm pronunciado.

E Jesus, Deus feito Homem, também quis ter uma Mãe!

Brincando enquanto pequenino Jesus vem aconchegar-se no regaço da sua Mãe.

Já adolescente é a Ela a quem primeiro confia os tesouros do seu coração, os projectos para cumprir a missão que o Pai lhe confiou.

Depois no sofrimento é ainda junto de Maria que procura amor.

Como Jesus devia amar sua Mãe!

Então eu...? Porque não, mostrar-lhe um dia que todos os dias a amo muito e que a exemplo de Jesus quero crescer em amor junto desta Mãe querida que Deus me faz a graça de conservar?

Tojo

DEUS

Era uma linda tarde primaveril, uma dessas tardes encantadoras em que o sol parece vir beijar a terra.

Já exausta de tanto brincar, sentei-me à beira do pequenino regato que ali passava, por entre salgueiros e margens floridas. O prado imenso, verdejante, salpicado de boninas e malmequeres estendia-se a meus olhos, absortos na contemplação da paisagem.

Lá muito ao longe avistava-se a serrania encimada por um céu de anil.

Perante aquela tela de suave policromia, o meu pensamento elevou-se até Deus. Sim, era Deus que havia criado tôda a maravilha e, quási inconscientemente, murmurei baixinho: «Obrigada Senhor».

Foi para nós que Deus criou um mundo e assim belo e, como se isto ainda fôsse pouco, Deus ainda nos reserva o Céu, em Sua misericórdia Infinita.

Como Deus é bom! Como Deus é grande! Amemo-lo sôbre tôdas as coisas!

Maria dos Remédios Cid Castelo Branco
Infanta — filiada n.º 13.924 — Província da Extremadura — Ala 2 — Centro 2

A Duquesa de Devonshire e sua filha — Quadro de Reynolds

MINHA MÃE!

Botão em flor, com alma cristalina,
Etérea, rósea, a querer desabrochar,
Era eu então, e vinha já me dar,
Junto ao meu berço, a luz da Fé Divina.

Junto de si a dôr não me domina,
Na dôce paz bemdita do meu lar,
Onde essa luz da crença vem vogar,
E que vivente, o peito m'ilumina.

Assim, esta minh'alma não se cansa,—
Desde que surge a luz da madrugada
Até que lentamente a noite vem, —

De bemdizer os dias de bonança
Por ter na vida um santo amor de Fada
Que é o verdadeiro amor de minha Mãe!

Laurentina dos Santos Marujo Correia
Filiada n.º 22.372 — Centro 7 — Ala 1 — Faro

Solução da charada — JAPÃO

D. INÁCIA GIÃO FERNANDES SOARES

É com tristeza e saüdade que a M. P. F. escreve hoje nas páginas do seu Boletim o nome da senhora D. Inácia Gião Fernandes Soares, ex-Delegada Provincial do Alto Alentejo.

Levou-a Deus... As suas boas obras precederam-na no céu; e a lembrança dessas mesmas boas obras ficou connosco sôbre a Terra.

Serviu a M. P. F. com inexcedível dedicação, generosidade e espírito de sacrifício. A seu respeito se podem dizer estas palavras de Mgr. Langenous: "A sua memória será para todos um exemplo, e uma grande bênção para a sua família".

CELINA MOURÃO RIBEIRO

Também pelas fileiras da Mocidade a morte passa... E as que ficam devem ter uma lembrança piedosa para as que partem.

A mesma bandeira as reüniu e a mesma fé prolonga pela eternidade essa união.

Lembremos junto de Deus a graduada da Mocidade, Celina Mourão Ribeiro, que pertenceu ao Centro n.º 6, do Porto, falecida no dia 9 de Setembro passado.

Foi muito dedicada pela "Mocidade" e deixou em todos que a conheceram a lembrança das qualidades que a distinguiram.